

**AUTA DE SOUZA E HENRIQUE CASTRICIANO, IRMANADOS NA VIDA E
NA POESIA**

Maria Luzinete Dantas Lima*

RESUMO: O propósito deste artigo é apresentar as trajetórias de vida de Auta de Souza e Henrique Castriciano de Souza, destacando suas contribuições na História e Literatura do Rio Grande do Norte. Nilo Pereira, jornalista e escritor nascido na fazenda Verde Nasce, Ceara-Mirim, Rio Grande do Norte, escreveu em Recife, Pernambuco, em março de 1964, que Luiz da Câmara Cascudo trouxe consigo uma predestinação: ser o biógrafo ilustre dos dois irmãos. Henrique Castriciano e Auta de Souza viveram irmanados em poesia, e são, segundo Nilo Pereira, em qualquer literatura, um momento de sensibilidade e criação. Afirmar ainda Nilo Pereira que *Vida Breve de Auta de Souza* é o melhor estudo não apenas literário, mas também humano da grande poetiza. Sobre Henrique Castriciano Cascudo afirma que a influência positiva de Henrique era a sua própria presença na cidade de Natal, e que sabê-lo próximo, interessado, imponderável era um ponto de referência. Neste artigo serão apresentados dados biográficos sobre a vida e a obra dos citados escritores, especialmente estrofes selecionadas de alguns poemas, como “Horto”, da poeta Auta de Souza, e “A Estátua”, de Henrique Castriciano.

Palavras-chaves: Biografia. História. Poesia.

* Professora aposentada da Rede Estadual de Educação do RN e professora de História em atividade da Rede Pública Municipal de Ensino Fundamental do Município de Macaíba, RN. Licenciada em História pela Universidade Potiguar, Rio Grande do Norte, Especialista em História das culturas afro-brasileira, pela FTC, EAD, Bahia; Especialista em Mídias na Educação, Pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte e em Educação Uniafro pela Universidade Federal Rural do Semi- Árido, UFERSA.

HENRIQUE CASTRICIANO E AUTA DE SOUZA, IRMANADOS NA VIDA E NA POESIA: UMA INTRODUÇÃO AO TEMA

*Enquanto a gente é criança, tem no seio um doce ninho,
onde vive um passarinho, formoso como a esperança.
Ele canta noite e dia, porque se chama alegria.
Depois... vai-se a primavera... é o tempo em que a gente cresce...
o riso se muda em prece, a alma não canta, espera!
E ao ninho do coração, desce outra ave: a ilusão.
Mas esta, como a alegria, nos foge... e fica deserto,
o coração, na agonia, do inverno que já vem perto.
Nas ruínas da mocidade, é quando pousa a saudade.*

Auta de Souza. Cores²

INTRODUÇÃO

Os irmãos Henrique Castriciano de Souza e Auta de Souza nasceram em Macaíba nas últimas décadas do século XIX, tempo em que a cidade gozava de uma posição política e econômica privilegiada.³ Netos do comerciante pernambucano Francisco de Paula Rodrigues, apelidado de Chico Lateja, perderam os pais ainda crianças, sendo criados por seus avós maternos em Pernambuco. As crianças têm acesso a educação na infância, inclusive a menina Auta de Souza que chegou a estudar em

² Poema Cores, da poetiza Auta de Souza. Horto. Outros poemas e ressonâncias: obras reunidas. Natal, RN, EDUFR – Editora da UFRN, 2009, p. 102

³ José Melquíades informa que a paisagem de Macaíba no século XIX era assim: uma povoação nascente com poucas casas, distribuídas em duas ruas principais, onde acontecia toda a movimentação. A feira era uma das mais famosas e agitadas da região, atraindo compradores e vendedores de toda a Província. A ligação com a capital se dava através do rio Jundiá, por onde deslizavam botes de velas brancas carregados de pessoas e mercadorias. As ruas eram de chão batido e por elas circulavam muitas pessoas, inclusive alguns escravos carregando, às costas, sacos de mantimentos. No final do século XIX, existiam três importantes firmas comerciais. Uma delas, a *Paula, Eloy & Cia*, era formada pelos sócios Francisco de Paula Rodrigues, Eloy Castriciano de Souza (pai de Henrique e Auta) e o Coronel Tomás Pessoa de Melo. As outras duas, pertenciam, uma, ao comendador Joaquim Inácio Pereira e outra ao major Fabrício Gomes Pedroza. A firma *Paula, Eloy & Cia*, segundo Eloy de Souza, citado por José Melquíades em *Centenários*, era uma casa bancária, financiadora das safras de açúcar de grande parte dos municípios, entre estes Ceará-Mirim, São José e Vale do Cajupiranga.

Estância, Pernambuco, no Colégio São Vicente de Paula, tendo que abandonar a escola após ser acometida pela tuberculose ainda na adolescência.

Henrique, segundo Eloy de Souza, não foi uma criança sadia, mas aprendeu as primeiras letras com facilidade e foi um bom estudante nos colégios do Recife em que estudou, tanto em externatos quanto em internatos. Na juventude, atingido por uma pneumonia, veio para o Rio Grande do Norte tentar fortalecer o sistema imunológico e evitar uma tuberculose, doença fatal na época. Apesar das constantes ameaças à saúde, que enfrentou praticamente durante toda sua vida, Henrique conseguiu estudar, crescer intelectualmente e aproveitar as oportunidades que a vida lhe proporcionou. Viajou muito, conheceu países de dois continentes, Ásia e Europa, chegando a implementar na Capital Potiguar projetos importantes, como a criação da Liga de Ensino, e se tornou, segundo Câmara Cascudo, um dos maiores intelectuais do Estado do Rio Grande do Norte, o que lhe valeu o título de “O príncipe dos poetas norte-rio-grandenses”.

Neste artigo apresentaremos, fundamentados em livros e trabalhos publicados, um breve relato sobre a vida e obra dos autores, especificamente alguns recortes de suas produções na poesia potiguar.

2 HENRIQUE CASTRICIANO: O PRÍNCIPE DOS POETAS NORTE-RIO-GRANDESE

Henrique Castriciano de Souza, nasceu em Macaíba, em 15 de março de 1874, numa casa localizada na antiga rua do porto. Nesta mesma casa nasceu também o irmão Irineu, que faleceu aos doze anos de idade, no Recife, vítima de uma explosão de candeeiro. Ainda pequeno Henrique mudou-se com a família para uma nova casa, agora na rua do comércio (local onde hoje funciona a Escola Estadual Auta de Souza). Nesta outra casa, nasceram mais dois irmãos, Auta de Souza, a famosa poeta de Horto, e João Cânciao, o irmão mais jovem, totalizando assim cinco crianças. Eloy de Souza, o mais velho, que viria a ser político e jornalista de renome, nasceu no Recife.

Henrique Viveu em Macaíba até os cinco anos de idade. Com o falecimento dos pais, ambos vitimados por doenças pulmonares, os avós maternos levaram os cinco netos

para morar no Recife, onde viveram alguns anos e frequentaram escolas. Com a doença de Auta, também atingida pela tuberculose, aos quatorze anos de idade, Dindinha, já viúva, volta a Macaíba para cuidar melhor da saúde da neta.

Constantemente ameaçado pela tuberculose na infância e adolescência, Henrique era obrigado a mudar-se constantemente em busca de melhores climas para a recuperação de sua saúde. Sempre em companhia do avô paterno Felix e de vaqueiros de confiança da família, passou temporadas em Angicos, na Serra de Martins e em Mossoró.⁴

Aos dezoito anos de idade sua poesia era triste e cheia de melancolia, como no soneto intitulado “Meu pai”: “*Dezoito anos: é esta a minha idade, / Cheia de fel, da sombra, da incerteza, / Ferido pelo espinho da tristeza, / Ferido pelo pranto da saudade.*”⁵. Publicou quatro livros de poesias: *Ruínas; Iriações; Mãe e Vibrações*. As duas quadras que abriram o volume de *Ruínas*, foram os primeiros versos escritos por *H. Castriciano*, como ele já assinava:

A lágrima sem fim, a lágrima pesada, que eternamente cai do alto desta gruta, representa algum'alma estranha, desolada, que mora a soluçar dentro da rocha bruta. / Est'alma, quem será? Não sei! Mistério fundo..., entretanto eu pressinto alguém que se debruça, e baixinho me diz: num gemido profundo: - existe um coração na pedra a soluçar!
(SOUZA in CASCUDO, 1965, p. 36)

Henrique compôs estes versos na *Gruta das Trincheiras*, em Martins, local onde escorria um lento fio d'água. Eloy de Souza, em seu livro “*Memórias*”⁶ conta que visitando a Serra de Martins, quando esteve em campanha política em 1913, em propaganda eleitoral pela candidatura do governador Ferreira Chaves, ainda conseguiu ler, com dificuldades, as quadras escritas a lápis por seu irmão Henrique. Ele diz que as

⁴ SOUZA, Eloy de. *Memórias*. 2ª Edição. Instituto Pró-Memória de Macaíba/RN e Senado Federal, DF, 2008. Pág. 69-77

⁵ Veríssimo de Melo. *Patronos e acadêmicos*, p. 24

⁶ SOUZA, Eloy. *Memórias*. Natal: Instituto Pró-Memória de Macaíba/RN, Senado Federal. 2ª edição, ano 2008, p. 78-83

duas quadras poéticas despertavam a curiosidade dos martinenses e de adventícios visitantes.

Henrique escreveu duas peças teatrais: “*O Enjeitado*”, e “*A Promessa*”, que foi encenada em Natal para inaugurar o teatro Carlos Gomes, em 24 de março de 1904. O texto dessa peça foi editado em folhetos para auxiliar os flagelados da seca pelo Grêmio Polimathico e Reimpressa pela revista KOSMOS, no Rio de Janeiro em 1907. Deixou ainda um romance “*Os Mortos*”, além de algumas outras obras anunciadas como o poema “*Redenção de Satã*” e um outro romance, “*O Tísico*”. Colaborou intensamente na imprensa de Natal e do Rio de Janeiro. Em Natal escreveu para o jornal A República por mais de trinta anos.⁷

Henrique Castriciano também foi político exercendo no Estado os cargos de Secretário Geral, no governo de Alberto Maranhão; Deputado Estadual, em várias legislaturas; Vice-governador do Estado por dez anos e Procurador Geral do Estado. Após abandonar a política fixa moradia no Rio de Janeiro, passando a dedicar-se ao jornalismo e a advocacia. Em 1933 volta ao Rio Grande do Norte para dirigir a Secretaria do Tribunal Regional Eleitoral. Com a ditadura do governo Getúlio Vargas é extinta a Justiça Eleitoral e Henrique fica em disponibilidade. Volta ao Rio de Janeiro onde é aproveitado no Tribunal de Contas. Aos 68 anos é aposentado compulsoriamente.

Suas temporadas em sanatórios da Europa renderam-lhe entusiasmo pelo que vira em termos de educação popular. Voltando a Natal aplica no Estado os conhecimentos adquiridos e funda a Liga de Ensino, sociedade mantenedora da Escola Doméstica de Natal, que ele criou e serviu de padrão para a educação feminina no Estado.

⁷ Todas as obras citadas e/ou fragmentos, estão contidas na obra: Seleta: textos e poesias. Natal: Sebo Vermelho, 2011. Coletânea dos volumes I, II e III publicados respectivamente, em 1993, 1994 e 2004, sob a organização de José Geraldo de Albuquerque. Edição comemorativa ao Centenário da Fundação da Liga de Ensino do Rio Grande do Norte.



Disponível em: <http://www.escoladomestica.com.br>. Acesso em 10 de jan. 2019.

A Liga de Ensino do Rio Grande do Norte foi fundada em 1º de setembro de 1914. A criação dessa escola valorizou a educação feminina no Estado do RN, pois nessa época predominava as escolas religiosas. Trazendo para Natal o modelo da educação doméstica que conheceu na Suíça, Henrique Castriciano proporcionou progresso e inovação no campo da educação feminina. Inicialmente estava instalada no bairro da Ribeira, depois transferida para o bairro do Tirol, mais próximo das residências das famílias que levavam suas filhas para o estabelecimento. Um outro fator que favoreceu a transferência da sede da escola foram as enchentes da Ribeira que comprometiam o acesso à escola.

Atualmente a Escola Doméstica de Natal está inserida no Complexo Educacional Noilde Ramalho, que compreende uma área de 18 hectares com três instituições de ensino: Escola Doméstica de Natal, Colégio Henrique Castriciano e o Centro Universitário do Rio Grande do Norte.⁸

Henrique foi ainda um dos fundadores do escotismo no Rio Grande do Norte. Foi o primeiro presidente da Academia Norte-rio-grandense de Letras e, segundo Itamar de Souza, o maior intelectual potiguar antes do surgimento de Luís da Câmara Cascudo, de quem foi grande amigo, apesar de ser 24 anos mais velho.⁹

Em 1945 sofreu um derrame cerebral e não mais se recuperou. Esteve internado por dois anos, primeiro no hospital Miguel Couto, aos cuidados do Dr. Januário Cicco,

⁸ Disponível em: <http://www.escoladomestica.com.br>. Acesso em 10/01/2019

⁹ Luiz da Câmara Cascudo. Nosso amigo Castriciano: 1874-1947. Recife: Imprensa Universitária, 1965. p. 31-38.

depois, transferido para a Policlínica do Alecrim, onde foi cuidado pelo Dr. Pedro II, filho do professor Luís Soares, um grande amigo. Numa certa ocasião Henrique confidenciou a Eloy “Hei de morrer espiando o Cabugi”. Morreu em 26 de julho de 1947, às 7h40 da manhã, sem realizar esse desejo.

3 O POEMA “A ESTÁTUA”

No Poema “A Estátua”, publicado no Jornal “*A República*”, de 04 de novembro de 1893,¹⁰ Henrique apresenta um escultor no auge da insanidade mental, deslumbrado com a escultura que conseguiu talhar. Que gênio é esse que consegue transformar um simples bloco de pedra em uma criatura completa, com corpo, alma e sentimentos? Quem é essa criatura tão especial criada pelo escultor? O próprio poeta responde:

E pouco a pouco a rude mão calosa, num divino milagre de escultura,
talhou na pedra a forma esplendorosa, Da santa Madalena da escritura. (...)
Nisto, sentiu que o mármore chorava, como distante dessa gleba fátua, e
viu surpreso, então, viu que brilhava, uma lágrima nos olhos da Estátua.

(SOUZA, 2011, p.135)

Na primeira parte do poema, o artista, deslumbrado com seu feito extraordinário, percebe, além da perfeição física, aflorarem expressões e sentimentos na sua criação. Quanto tempo levou o escultor para chegar a tanta perfeição? Onde teria buscado tanta inspiração? Ansiedade, sofrimento, inquietude, tormento foi o que levou o artista ao estágio de excelência:

E o velho artista recordava agora, os séculos de angústia e de martírio, que
lhe custara aquela grande aurora, despertada do chão do seu delírio. / Ah,
quantas vezes nessa dor que aterra, o próprio gênio se rojara ao chão, A
ver, a ver se o coração da Terra, mais junto ao seu lhe dava inspiração.

¹⁰ O poema A Estátua foi republicado em: Souza, Henrique Castriciano de. Seleta: textos e poesias, Volume I, sob a organização de José Geraldo de Albuquerque, em edição comemorativa ao Centenário de fundação da Liga de Ensino do Rio Grande do Norte. Natal: Sebo Vermelho, 2011, p. 135-137

(SOUZA, 2011, p.136)

Nas últimas estrofes do poema, o artista percebe que a escultura por ele criada, está em intenso sofrimento, por ter saído do seu habitat natural, junto ao próprio Cristo: Nessa parte do poema, a estátua se torna protagonista:

Habitava no azul. O Nazareno, Os olhos enxugavam em meu cabelo,
Prende-me agora o mármore sereno..., deixe-me ver Jesus! Eu quero vê-
lo. / Liberta-me por Deus! Que desvario, nesta prisão tristonha como o
goivo! Vê tu como padeço... eu sinto frio..., quanta saudade, quanta! Do
meu noivo! (SOUZA, 2011, p.136)

As súplicas de Maria Madalena continuam martelando a mente do gênio: *“Sinto desejo de rezar, enquanto, O Ângelus repercute nas encostas..., tem compaixão, tem pena do meu pranto..., por que não me fizestes de mãos postas? A estátua cala-se e seu silêncio sensibiliza o escultor que decide pôr fim a toda aquela angústia: ”. / Calou-se a estátua. O gênio alucinado, pegou do malho e destruiu demente, aquele sonho – todo o seu passado, aquela imagem – todo o seu presente.* Na última estrofe do poema, o gênio contempla o firmamento, acreditando ter finalmente libertado a alma aprisionada da Santa Madalena da escritura: *“Um bando de aves pelo azul fugia, E ele, fitando a vastidão que encanta, voltou-se a ver se alguma conduzia, no bico aberto, o coração da santa!*

4 AUTA DE SOUZA: SEU NOME É POESIA

Na época em que nasceu Auta de Souza, Macaíba era um importante centro comercial e político do Rio Grande do Norte. Qual a origem da família de Auta e Henrique? Por que se estabeleceram em Macaíba?

Um dos pioneiros da região de Coité¹¹, foi o Sr. Francisco Pedro Bandeira de Melo, proprietário de muitas terras e gado. Auta de Souza era bisneta desse senhor. Esse bisavô deu em casamento uma de suas filhas, Cosma Bandeira de Melo, ao seu estimado vaqueiro Felix José de Souza, conhecido pela alcunha de negro Félix, ou ainda Félix do Potengi Pequeno, município de São Gonçalo e depois de Macaíba. Da união entre Félix e Cosma, nasceu um menino que batizaram com o nome de Eloy Castriciano de Souza, pai de Auta de Souza, que trabalhou durante treze anos para o Sr. Fabrício Gomes Pedroza, que era casado em segundas núpcias com uma outra filha do Sr. Francisco Pedro Bandeira de Melo, chamada Damiana. Talvez por isso, alguns pesquisadores façam confusão informando em seus textos que Auta teria sido bisneta de Fabrício Gomes Pedroza.

Em Guarapes Eloy conhece um Sr. pernambucano chamado Francisco de Paula Rodrigues, conversador, inquieto e bom negociante, que logo recebeu a alcunha de Chico Lateja. Por volta de 1871 os Srs. Francisco de Paula e Eloy de Souza, montam uma firma chamada PAULA, ELOY & CIA, financiadora de algodão e açúcar e distribuidora de outros produtos vindos de Pernambuco como farinha-de-mandioca, arroz e milho. Macaíba servia como ponto distribuidor dessas mercadorias vinda do Recife.

Em visita ao Sr. Francisco de Paula, em Recife, Pernambuco, Eloy conhece a família do comerciante, dona Silvina Maria da Conceição, que vivia em união com o Sr. Francisco de Paula, e a filha do casal, Henriqueta Leopoldina, uma jovem que ainda não havia completado vinte anos de idade. Os jovens iniciam um namoro, ficam noivos e casam no Recife, em 1872. Em março de 1873, nasce o primeiro filho, Eloy Castriciano de Souza. Logo que a criança “endurece o pescoço”, a família se muda para Macaíba, onde passa a residir numa casa à Rua do Porto. Nesta casa, nascem mais dois filhos, Henrique Castriciano, em 1874 e Irineu, em 1875.

¹¹ O topônimo Macaíba provém de uma espécie de palmeira, árvore não comum à região, existente na residência de Fabrício Gomes Pedroza, um dos povoadores do território. Nas últimas décadas do século XVIII, o núcleo demográfico existente era conhecido como povoação de Coité, terra de plantio, sítios e fazendas. A Lei nº. 605, de 11 de março de 1868, criando um juizado de paz, já a designa, porém, como *povoação de Macaíba*. O município foi criado em 21 de outubro de 1877, pela Lei nº 801, desmembrando-se de São Gonçalo. A freguesia de Macaíba, em 17 de março de 1883, pela Lei Provincial nº 876.

Após o nascimento desses dois filhos a família passa a residir em uma outra casa, maior e bastante arejada, a casa nova da Rua do Comércio, onde em 1876 nasce a única menina da família, a poeta Auta de Souza. Em 1877 nasce João Câncio Rodrigues de Souza, o último filho do casal, pois logo dona Henriqueta adoece. O diagnóstico é desanimador: a jovem senhora está com tuberculose, mal incurável na época. Em 1879, no Engenho Jundiaí, arredores da Vila de Macaíba, morre dona Henriqueta, com apenas 27 anos de idade. O viúvo fica inconsolável e se entrega de corpo e alma à campanha política para Deputado Provincial, enfrentando chuva, poeira, jornadas em botes e cavalgadas. Ganha a eleição, mas perde a vida, também vitimado por doença pulmonar, em 1881, aos 39 anos de idade, deixando agora completamente órfãs as cinco crianças.

Dona Silvina, a vovó Dindinha, e o sr. Francisco de Paula pegam os cinco netos e se mudam para Recife¹². Mas o luto parece não os querer abandonar. Em 1882 morre o Sr. Francisco de Paula acometido por uma bronquite e por uma velha asma. Dona Silvina fica então com a grande responsabilidade de cuidar sozinha dos cinco netos.

A “dama-branca¹³” continua atormentado a família, ameaçando a vida do menino Henrique, que passa a viver de cidade em cidade do Rio Grande do Norte, procurando climas melhores para conviver com a doença.

Enquanto isso, Auta levava, a medida do possível, uma vida normal. Foi criança esperta, curiosa, buliçosa e muito inteligente. Aos sete anos de idade já sabia ler e escrever. Quando completou onze anos, uma nova tragédia vem atormentar sua vida e a de sua família. Irineu, seu irmão, então com doze anos de idade, é vitimado pela explosão de um candeeiro a gás. Sofre por dezoito horas seguidas até morrer. Nova perda, nova dor que iria marcar para sempre a memória de Auta. Para aplacar um pouco a tristeza que abate a menina, Dindinha resolve matriculá-la no Colégio São Vicente de Paula (em Estância, Pernambuco). Lá, Auta se destaca como uma das alunas mais aplicadas, aprendendo a ler e escrever em inglês e francês.

¹² Câmara Cascudo, em *Vida breve de Auta de Souza*, em uma nota contida na página 31, afirma que a Freguesia de Macaíba foi criada pela Lei nº 876 de 17 de março de 1883, ano em que Auta residia em Recife já com seis anos de idade

¹³ Tuberculose

A exemplo de outros colégios femininos da época, o São Vicente de Paula se voltava basicamente para a formação das meninas para o convívio social e moralização do caráter nos moldes cristãos. A rotina do colégio incluía orações diárias, comemorações religiosas, leituras doutrinárias e de caráter vocacional. Para estimular a conduta apregoada eram oferecidos às alunas, prêmios para as que se destacavam pela virtude, dedicação, zelo e piedade. As premiadas inspiravam outras alunas “menos virtuosas” a seguirem o mesmo exemplo. Auta de Souza esteve entre as alunas premiadas da escola.

Após três anos de estudos, problemas pulmonares fizeram Auta abandonar o colégio. Era a tuberculose, a conhecida “dama branca”, que passara a partir de então a atormentar a vida da jovem adolescente, então com 14 anos de idade. A procura de melhores climas para a saúde da neta, Dindinha volta a morar em Macaíba. Aqui, Auta tenta levar uma vida quase normal, ministrando aulas de catecismo para crianças. No dia da primeira comunhão, Auta sempre oferecia em sua residência uma pequena recepção para seus alunos, incluindo todo tipo de guloseimas.

As constantes crises provocadas pela tuberculose fizeram Auta de Souza muitas vezes passar temporadas em municípios do interior do Estado do Rio Grande do Norte, sempre acompanhada por algum dos irmãos. Eloy diz que muitas foram as peregrinações da irmã pela terra natal na esperança de melhoras. Seu livro, diz Eloy se referindo a Horto, é um roteiro dessa Via Sacra, em que, se não obteve sucesso na recuperação da saúde, testemunhou a comovida consagração dos seus versos entoados para adormecer crianças, ao embalo das redes, ou diante dos altares nos terços do mês de maio. Ele conta que em uma dessas viagens Auta escreveu o soneto Caminhos do sertão, oferecendo-o ao irmão mais jovem, João Cância, seu companheiro de viagem:

Tão longe a casa! Nem sequer alcanço, vê-la através da mata. Nos caminhos a sombra desce; e sem achar descanso, vamos nós dois, meu pobre irmão sozinho. / É noite já... como em feliz remanso, dormem as aves nos pequenos ninhos... vamos mais devagar... de manso em manso, para não assustar os passarinhos. / Brilham estrelas. Todo o céu parece, Rezar de joelhos a chorosa prece, Que a noite ensina ao desespero e a dor.../ Ao

longe a lua vem doirando a treva.../ Turbulento imenso para Deus eleva, O incenso agreste da jurema em flor. (SOUZA in SOUZA, 2008, p.80-81)

Mesmo doente e incapacitada de frequentar escolas, Auta não abandonou os estudos, continuou aprimorando sua formação intelectual em casa, pois livros não lhe faltavam. Era uma autêntica autodidata. Em 1893, então com dezessete anos de idade, começa com grande intensidade sua vida de poeta. Quando em 1894 foi fundado em Macaíba o *Club do Biscoito* (associação de amigos que faziam reuniões dançantes na residência dos associados), Auta era uma das mais assíduas frequentadoras, declamando versos de seus poetas preferidos como Casimiro de Abreu, Gonçalves Dias, Castro Alves, Lourival Açucena, Segundo Wanderley e outros poetas anônimos conhecidos apenas por tradição na sua época.

Auta estreou publicamente na revista *Oásis*, de Natal, em 1894. Em 1896 começou a escrever para *a República*. A partir de 1897, passou a publicar seus versos assiduamente em *a Tribuna*. Entre 1899 e 1900, neste mesmo jornal, passou a usar os pseudônimos de *Ida Salúcio e Hilário das Neves*.

Entre 1894 e 1899, Auta viveu anos movimentados, atravessando períodos de melhoras e recaídas, fazendo viagens constantes entre Recife, Vila de São José de Angicos, Nova Cruz, Serra da Raiz e, entre Macaíba e São Paulo do Potengi, a fazenda Jardim que denominou de Alto da Saudade. Por volta de 1895 apaixonou-se pela primeira e última vez na sua breve vida. O rapaz era o promotor público de Macaíba, João *Leopoldo da Silva Loureiro*. Por interferência dos irmãos, o namoro não se concretizou. Como o rapaz não insistiu, Auta acabou o namoro. Talvez seus irmãos temessem uma união entre os dois que culminasse na geração de filhos doentes já que o rapaz sofria do mesmo mal que Auta, chegando inclusive a morrer primeiro que ela.

Entre 1893 e 1897, Auta juntou todos os seus poemas em um manuscrito denominado *Dhálías*. Após este, a poeta abre um novo manuscrito chamado *Horto*, trazendo boa parte dos poemas contidos em *Dhálías*, alguns modificados, outros novos acrescentados. *Horto* é divulgado na imprensa em 1898. Neste mesmo período Auta colabora com a primeira revista católica do Estado, denominada *Oito de setembro*,

dirigida pelo padre João Maria que mais tarde se tornará figura lendária, venerado como milagreiro por muitos cristãos católicos. Auta colabora ainda na revista *Rio Grande do Norte*, ao lado do irmão Henrique. Seria então a única mulher a escrever para a imprensa norte-rio-grandense nesse período.

Em 20 de junho de 1900, *Horto* é publicado, trazendo o prefácio assinado por Olavo Bilac. Antes da publicação do livro completar seis meses, a 7 de fevereiro de 1901, a famosa poeta morre em Natal, na casa dos irmãos Henrique e Eloy. Após a morte da poeta os manuscritos de Dhálias e Horto ficam com Henrique Castriciano. Depois da morte de Henrique esses manuscritos passam para as mãos de D. Noilde Ramalho, na época diretora da Escola Doméstica de Natal. Todo esse importante acervo permanece guardado, juntamente com as primeiras quatro edições esgotadas de Horto, no Complexo Educacional Henrique Castriciano de Souza, a antiga Escola Doméstica de Natal idealizada e criada por Henrique.

Em 1904, os restos mortais de Auta de Souza são exumados no cemitério do Alecrim onde foi enterrada e levados para a Igreja Matriz de Macaíba, onde os ossos foram colocados no jazigo da família na parede da Igreja. Em 1951, por sugestão do então presidente da Academia Norte-rio-grandense de Letras, Paulo Pinheiro Viveiros, foi feita uma lápide trazendo os seguintes versos da poeta: “*Longe da mágoa, enfim no céu repousa, quem sofreu muito e quem amou demais*”.

Um outro aspecto importante da obra de Auta são os poemas que passaram a ser cantados ao longo da história, transmitidos de geração a geração, desde o século XIX até hoje. Segundo a pesquisadora Nalva de Souza Leão, as modinhas de Auta foram tocadas e cantadas por muitos membros da sua família, que sempre se emocionavam ao escutá-las. Aqui em Macaíba, nossa saudosa dona Isaura Alves do Nascimento, juntamente com Janete Ribeiro Dantas e Estefânia Freitas Duarte, ainda em 1997, lembrou cantando para a pesquisadora Ana Laudelina, alguns versinhos de Auta guardados na memória.

Além de ser conhecida através de seus poemas e cancionários, Auta também é conhecida como uma grande mentora espiritual pelos espíritas kardecistas, que a consideram um espírito superior que atua no plano celeste. São atribuídos a Auta, vários poemas psicografados (*a psicografia é um termo usado pelos espíritas que fazem alusão*

à *comunicação dos espíritos por meio da escrita*) pelo falecido médium Chico Xavier, publicados inclusive num livro espírita denominado “*Auta de Souza*”. Outros livros espíritas também trazem poemas atribuídos à poeta, que os teria escrito no mundo espiritual fazendo-os chegar até nós por meio da psicografia.

Segundo a pesquisadora Ana Laudelina, dos quatro irmãos, o único que teve filhos foi João Câncio. Os descendentes mais diretos da família são duas sobrinhas, filhas de João Câncio: Auta de Souza Nascimento e Elza Moraes, que não chegaram a conhecer pessoalmente a tia poeta, conheceram apenas os tios Henrique e Eloy. Essas descendentes da família residem em Recife, mas devido à idade avançada, nem sempre estão dispostas a receber visitas ou falar sobre a família, pois são fatos que as emociona.

Auta, como afirmou a citada pesquisadora, “...*foi uma mulher de seu tempo que, a seu tempo, optou por algo à frente de sua cultura...*”. Ousou ser poeta, conseguiu publicar seu trabalho, em uma época em que a escrita profissional era ofício legado apenas aos homens. Sua poesia é marcada por forte religiosidade (fruto da cultura de sua época) e pela tristeza provocada pela morte de seus entes mais queridos e pela privação ao amor, à felicidade, a sua saúde e à própria vida¹⁴.

5 AUTA DE SOUZA NAS MEMÓRIAS DE ELOY

Segundo Eloy de Souza em seu livro *Memórias*, Auta deixou em sua poesia a expressão de uma candura de fé religiosa que lhe valeu o conceito de primeira, senão única, poetiza católica do Brasil. O autor relembra da irmã ainda criança e no início da adolescência, quando tinha a saúde perfeita e a alegria expressada através dos grandes olhos negros e da boca risonha. Depois veio a tuberculose que lhe roubou o sonho da

¹⁴ Para um estudo mais aprofundado sobre a vida de Auta de Souza, existem três fontes bibliográficas principais: O livro *Vida breve de Auta de Souza*, escrito por Luís da Câmara Cascudo, editado em 1961; O *primeiro capítulo do livro Memórias*, do seu irmão Eloy de Souza, editado em 1977 pela Fundação José Augusto; e a *Nota* que Henrique Castriciano de Souza escreveu para a *segunda edição de Horto*, publicado em 1911. Praticamente todos os grandes historiadores do Estado fazem referência à grande obra da poeta: Rocha Pombo, Tavares de Lyra, José Melquíades, entre outros. Existem também vários trabalhos monográficos e dissertações de mestrado, destacando-se o trabalho de Ana Laudelina Ferreira Gomes, “Introdução para um estudo da vida e obra de Auta de Souza”, que traz uma parte anexada na introdução do livro “Horto”, publicado pela EDUFRN, em 2001, através do Projeto Coleção Nordeste.

juventude e a alegria de viver, por isso, justifica Eloy, sua poesia é triste. Ele diz ainda que Auta vivia longas noites de insônia, marcadas por ataques de tosse que a deixavam exausta. Momentos de angústia eram atenuados pela presença de sua avó Dindinha, sempre em constante vigília.

Eloy diz que a poesia de Auta de Souza, doce na amargura, trouxe-lhe o estado de graça em que começou a viver, prêmio de seu amado Jesus a quem pediu em versos piedosos que com ela rezasse e lhe afastasse a noite que era, naquela hora, a morte, não temida, mas indesejada por alguém tão jovem e com tantos anos a serem vividos:

Eu tenho medo de tanto horror ... Reza comigo, doce Senhor! / Que noite
negra, cheia de sombras., não foi a noite que aqui passaste? Ó noite
imensa ... porque me assombras. / Tu que nas trevas me sepultaste? /
Jesus Amado, reza comigo ... Afasta a noite, divino amigo!
(SOUZA, 2001, p.65)

Com essa poesia de rimas espontâneas e inspiração virtuosa, continua Eloy, Auta não buscou fama nem glórias, mas deixou uma mensagem que a perpetuaram na memória de muitos, pela força do sangue (familiar) e do amor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pesquisar sobre as trajetórias de vida de Auta de Souza e Henrique Castriciano é fascinante, porque nos leva a refletir sobre a fundamental importância da obra legada. Os irmãos Auta e Henrique tiveram o privilégio de serem biografados por Luiz da Câmara Cascudo¹⁵, que narra com detalhes a importância da “Vida breve de Auta de Souza”, e o legado literário, histórico e cultural do “Nosso amigo Castriciano”

¹⁵ Luiz da Câmara Cascudo Nasceu em Natal, em 30 de dezembro de 1898 e faleceu na mesma cidade em 30 de julho de 1986. Foi folclorista, historiador, antropólogo, advogado e jornalista. Teve uma infância e juventude confortável, pois pertencia a uma família abastada. Com a decadência econômica da família, driblando as adversidades da vida, Cascudo se tornou um importante pesquisador da etnografia e do folclore brasileiro. Ele exerceu várias profissões, entre as quais as de professor, diretor de escola, secretário do Tribunal de Justiça e Consultor Jurídico do Estado do RN.

Auta de Souza viveu pouco, mas soube, apesar da doença cruel e fatal, aproveitar a vida escrevendo versos, recitando poesias, participando de saraus e ensinando catecismo para crianças. Eloy de Souza diz que em meio a todo sofrimento Auta não esquecia as crianças que a rodeavam na casa de Macaíba, sentada na sua cadeira de doente, muitas vezes agrupadas em brinquedos infantis, momento em que deixava transparecer sorrisos e lágrimas. O ambiente em que Auta viveu, rodeada de livros, favoreceu seu desenvolvimento intelectual. Ela poderia simplesmente não ter se interessado pelos livros e pela poesia, mas preferiu o prazer de escrever sobre suas dores, angústias e sentimentos. Nesse sentido, o apoio da família, especialmente dos irmãos Henrique e Eloy, foi fundamental.

Henrique Castriciano deixou um legado fundamental para a História do Rio Grande do Norte: político, escritor, poeta, ensaísta, teatrólogo, jornalista, soube atuar de forma significativa e deixar suas marcas em todos os papéis que exerceu. Na poesia expressava, a exemplo da irmã Auta de Souza, suas dores, angústias e tormentos mais profundos. Eloy de Souza menciona no seu livro “Memórias”, as duas quadras escritas por Henrique na Gruta das Trincheiras em Martins, que foram publicadas no livro “Ruínas”. Ele diz ainda que seu irmão foi um verdadeiro entusiasta em todos os projetos e ações que se dispôs realizar e que um de seus legados mais significativos foi no campo da educação, quando conseguiu fundar a Liga de Ensino, primeiro passo para a Fundação da Escola Doméstica de Natal. Henrique criou também o Escotismo no Rio Grande do Norte. Já no final de sua vida, diz Eloy, Henrique mesmo doente, não esquecia nem a Escola Doméstica nem os Escoteiros, prova substancial de sua herança para a cultura e letras de nosso Estado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CASCUDO, Luís da Câmara. *Nosso amigo Castriciano: 1874-1947*. Recife: Imprensa Universitária, 1965. p. 31-178.

_____. *Vida breve de Auta de Souza (1876-1901)*. Recife: Imprensa Oficial, 1961. p.18-32

_____. *O livro das velhas figuras*. Natal: Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, 1874. p. 46-8

FENSKE, Elfi Kürten (pesquisa, seleção e organização). **Auta de Souza - seus versos e traços de sua vida breve**. Templo Cultural Delfos, maio/2013. Disponível no link: <www.elfikurten.com.br/2013/05/auta-de-souza.html>. Acesso em 9 de abril de 2018.

MELO, Veríssimo de. *Patronos e Acadêmicos*. Rio de Janeiro: Editora Pongetti, 1974. p. 23-8.

MELQUIÁDES, José. *Centenários: Padre Brito Guerra, Dom Joaquim de Almeida, Auta de Souza*. Natal (RN): Gráfica Manimbu, 1978. p. 43-60.

SILVA, Silvan Pessoa e. *Auta de Souza e Macaíba*. Natal: J. L. Publicidade e Comunicação, 1976. p. 73.

SOUZA, Auta de. *Horto*. Natal: EDUFRN, 2001. p. 15-56

SOUZA, Eloy de. *Memórias*. 2ª Edição. Instituto Pró-Memória de Macaíba/RN e Senado Federal, DF, 2008. Pág. 69-84.

SOUZA, Henrique Castriciano de. *Nota*. In: *Souza, Auta. Horto*. Natal: Fundação José Augusto, 1970. p. 249-51.

SOUZA, Henrique Castriciano de. **Seleta**: textos e poesias. Natal: Sebo Vermelho, 2011. Coletânea dos volumes I, II e III publicados respectivamente, em 1993, 1994 e 2004, sob a organização de José Geraldo de Albuquerque. Edição comemorativa ao Centenário da Fundação da Liga de Ensino do Rio grande do Norte.

SOUZA, K. C.; FONSECA, A. S. **As vozes femininas na poesia de Auta de Souza**: fragmentos de vida e obra. Antares: Letras e Humanidades. Universidade de Caxias do Sul, on-line, Rio Grande do Sul, vol.5, nº10, jul-dez, 2013. Disponível em: www.ucs.br/etc/revistas/index.php/antares/article/download/2004/1505. Acesso em 10 de abril de 2018.